

APRESENTAÇÃO

É com satisfação que publicamos o número 38 da *Debates do NER*, após um conturbado ano que demandou muito de todos nós. Continuando as novidades do nosso Conselho Editorial anunciadas em nosso número 37 (como a entrada de Birgit Meyer), neste número temos três outras alterações. Em primeiro lugar, temos a entrada de um dos mais destacados e influentes antropólogos da religião e colaborador e incentivador de nossa Revista e dos Debates, Joel Robbins, que ocupa o cargo de Sigrid Rausing Professor of Social Anthropology na Universidade de Cambridge. Professor Robbins publicou, em nosso número 26 de 2014, sua conferência de abertura do evento da ACSRM, realizado na UFRGS em 2013. Seu trabalho pioneiro e formulação de uma Antropologia do Cristianismo tem sido uma inspiração para a antropologia global e para a antropologia brasileira, inclusive ao receber com incomparável gentileza e dedicação antropólogos brasileiros que o procuraram para estágios no exterior (como Clara Mafra, Aparecida Vilaça e Eduardo Dullo). As duas outras mudanças são uma transição de posição: Ari Pedro Oro e Carlos Alberto Steil, até então membros da Comissão Editorial, passam a ser, agora, membros do Conselho Editorial. Somos profundamente gratos pelo inestimável trabalho que realizaram desde a criação do NER e desta Revista e esperamos continuar contando com seus conselhos por muito tempo.

Abrimos este novo número com um instigante *Debate* acerca do universo pentecostal da periferia do Rio de Janeiro. Carly Barboza Machado, professora do PPGCS/UFRRJ e uma das principais referências dos estudos sobre religião, mídia e política no Brasil, oferece uma esplêndida provocação ao propor uma análise da religião a partir da antropologia de eventos. Fruto de etnografia realizada no Congresso Internacional das Missões (CIM), organizado pelo Ministério Flordelis há 10 anos, a autora articula diferentes

escalas de ação por meio de uma estética da política, marcada pela centralidade da mídia pentecostal nas periferias do Rio de Janeiro. Para continuar a discussão, trouxemos para a roda debatedoras e debatedores especialistas no assunto: Raquel Sant’Ana (Museu Nacional/UFRJ), Gabriel Feltran (UFSCar), Mariana Côrtes (UFU) e Bruno Reinhardt (UFSC). Em seu comentário ao texto de Carly Machado, Raquel Sant’Ana levanta possibilidades de trabalhos etnográficos em “contextos de complexidade”, nos fazendo pensar sobre a criação de teorias pelo fazer etnográfico. Ao mostrar a rentabilidade e destreza com que Carly Machado trabalha com tantas “misturas e emaranhados” em um campo de pesquisa formado por atores tão diversificados, sugere uma descrição densa dos “emaranhados” sociais, sem tentar desfazê-los. A seguir, Gabriel Feltran conduz a reflexão para um maior nível de abstração teórica com base na cena política contemporânea do Brasil. Argumenta que “Ministérios como o Flordelis [...] seriam instâncias de sobrecodificação das existências e, portanto, formas de significá-las” por meio do “governo de condutas”. Procura entender as “intenções normativas” ou “projetos políticos” por trás da busca pela produção de novos sujeitos, seus fiéis. Mariana Côrtes, por sua vez, ultrapassa o espaço geográfico ocupado pelo Ministério Flordelis e centra-se na atuação de diferentes igrejas e seus projetos religiosos/sociais, nas periferias das grandes cidades, sobre os “sujeitos habitantes das margens”. Demonstra, pelo uso dos termos “ministérios” e “congressos”, a transição entre o teológico e o secular na esfera política institucional. Propõe, com isso, uma leitura do texto de Carly Machado através da oikonomia, noção construída por Giorgio Agamben, pensando nos modos de governamentalização do Estado e dos dispositivos de governo pentecostal. Por último, Bruno Reinhardt utiliza as ricas experiências de suas pesquisas etnográficas com movimentos pentecostais em Gana para elucidar as vivências de homens e mulheres “de Deus”, seus interlocutores, em relação com o campo etnográfico de Machado, analisando o pentecostalismo como um objeto que também “se observa e se representa”. Enfatiza e sustenta uma antropologia do suplício pentecostal, extremamente estimulante ao se mostrar interessada não somente na ascensão, mas também nas quedas. Está

igualmente embebido por Agambem ao embasar essa proposta à “genealogia da glória”. Por fim, temos a réplica de Carly Barboza Machado, em que faz uma essencial convocação às pesquisadoras, pesquisadores, leitoras e leitores da área para compor diálogos a fim de construir um fazer antropológico coletivo e cada vez mais valioso. Esta Revista, por seu histórico caráter de Debate, vê como crucial o engajamento dialógico, no qual ideias e textos possam ser objeto de reflexão e colaboração!

Composto de seis artigos, o *Dossiê Temático* “Caboclo” nos brinda com singulares modos de habitar espaços, territórios e corpos, ampliando com densidade etnográfica e profundidade teórica um aspecto pouco trabalhado das religiões de matriz africana no Brasil. Organizado por Clara Flaksman (Museu Nacional/UFRJ) e Miriam Rabelo (UFBA), a quem agradecemos imensamente não apenas pela qualidade do trabalho, mas também pela diligência e atenção durante todo o processo, os textos se movimentam com a mesma fluidez dos caboclos apresentados, desenhando rotas de caboclos que atravessam o espaço geográfico da Bahia. “Na rota dos caboclos” é o título do primeiro artigo que compõe a seção. Flaksman e Rabelo impressionam ao escrevê-lo com admirável sensibilidade, levantando a problemática da imprecisão da definição do que são essas entidades. Enfocam em suas histórias e trajetos que conectam pessoas, tempos e territórios afetivos marcados pelos movimentos imprecisos dos caboclos. Márcia Nóbrega, doutora em Antropologia Social pela Unicamp, é quem nos guia pelo próximo trajeto: a Ilha do Massangano, situada no Rio São Francisco. A autora mostra as “alianças” que são firmadas entre pessoas e Caboclos a partir da relação com o ambiente que os cerca. Os encontros entre os seres são comparados ao movimento das correntezas das águas, tecendo a própria corrente dos movimentos dos caboclos. A seguir, Carolina Pedreira (UFT) nos leva para a região da Chapada Diamantina, apresentando um dos possíveis modos de ser dos caboclos, a “radiação”. Exibe uma experiência especialmente cativante por tratar das relações contínuas entre “almas, espíritos e caboclos”, abrangendo os momentos para além da incorporação e analisando a convivência entre diferentes entidades. No quarto texto, Ana Rizek Sheldon, doutoranda

em Ciências Sociais pela UFBA, mergulha no centro dos movimentos dos caboclos em festas públicas dos terreiros de candomblé de Salvador: nas danças. Descreve três momentos distintos do caboclo Lage Mineiro, e, com seu olhar atento, percebe as diferentes dinâmicas em jogo nos passos do samba. Apreende a reverberação, nas festas, das tensões e vínculos cotidianos entre diversas entidades e pessoas no interior dos terreiros. No Recôncavo Baiano, Maíra Vale, doutora em Antropologia Social pela Unicamp, reflete sobre a atuação dos caboclos na escrita etnográfica. Para isso, adentra nas histórias da cidade de Cachoeira, fortemente marcada pela presença desses seres. Vale transcreve com fineza as movimentações dos caboclos no dia a dia das ruas da cidade para o seu texto, defendendo a importância de manter os “pulos” livres, dos caboclos, para dentro de sua escrita, pois “é preciso olhar nos búzios, pedir licença, escutar e aí escolher o que falar”. Para fechar esse Dossiê Temático em grande estilo, o último texto é de autoria compartilhada entre Marinho Rodrigues (Tata Luandenkossi, Tata Kambondo do Terreiro Matamba Tombenci Neto), intelectual de religiões de matriz africana, e Marcio Goldman (Tata Sumbunanguê, Tata Mabaia do Terreiro Matamba Tombenci Neto) professor do PPGAS/MN/UFRJ e prestigiado pensador brasileiro. Em seu texto, Rodrigues e Goldman demonstram encantadoramente o movimento dos caboclos presentes em todos os outros textos. É estruturado por imagens “obtidas na grande festa para os caboclos do Terreiro Matamba Tombenci Neto” que ilustram as rotas, alianças, permanências, danças, correntes, vínculos e pulos dos caboclos desse terreiro.

Integrando como único texto da seção *Artigos*, está “A diversidade religiosa e não religiosa nas categorias censitárias do IBGE e suas leituras na mídia e produção acadêmica”. A perspicaz análise de Paula Montero (USP/CEBRAP) e Henrique Fernandes Antunes, pós-doutorando IPP/CEBRAP, é dedicada a um banco de dados levantado a partir de milhares de artigos e reportagens recortados temporalmente entre os anos de 2000 a 2019. Neste trabalho de fôlego, como o próprio título ilustra, buscam “compreender de que forma e porque o declínio do catolicismo interessa como questão de pesquisa e como notícia” concomitantemente. Colocam

em escrutínio as imaginações e teorizações dos “principais formadores de opinião” e como elas acabam modulando olhares sobre a diferença religiosa dentre as diferentes audiências, sendo a midiática formada por “uma opinião pública imaginada” e a acadêmica “feita para seus próprios pares”. O seu olhar, portanto, se volta inclusive para o universo acadêmico enquanto atores sociais com efeitos próprios sobre o mundo social.

O *Ensaio Fotográfico* da vez complementa nosso Dossiê e nos presenteia com grande afabilidade. De autoria de Paula Siqueira, fotógrafa profissional em Londres, é resultado de sua pesquisa de doutorado pelo Museu Nacional/UFRJ no interior da Bahia. Suas fotos retratam as relações íntimas entre humanos e caboclos, a “batalha e a beleza no candomblé do interior baiano”, como ambos se tocam e são tocados, e, mais importante, como acabam nos tocando através das imagens. Para fechar a edição, temos uma interessante *Resenha* trazida por Ewerton Reubens Coelho-Costa, doutorando em Sociologia pelo PPGS/UECE, do livro *Food and faith: A theology of eating*, de Norman Wirzba. Publicado em 2019, ainda sem tradução no Brasil, oferece “uma abrangente estrutura teológica para analisar a importância da comida e do comer [...] instruindo e possibilitando nutrição, crescimento e conexão com os outros e com as ideias do divino”.

Por fim, agradecemos a todo apoio que recebemos do PPGAS/UFRGS, na figura de seu coordenador, Arlei Damo, cuja preocupação com todos os periódicos sediados neste PPGAS é fonte de inspiração para um trabalho coletivo e para um bom ambiente de trabalho. Nossa maior gratidão, contudo, é para com você, nosso/a leitor/a, sobretudo para com leitores/as que são, também, autores/as e pareceristas - fomentando uma comunidade acadêmica forte que nos impulsiona a continuar este trabalho e a buscar cada vez mais melhorar o que oferecemos. Desejamos a todas/os um excelente final de ano e boa leitura!

Eduardo Dullo
Barbara Jungbeck

DEBATE

